

A INVENCAO DO BUFALO

§ Música animada §

§ Hey, boooi! Hey! Hey! Hey! §

§ Hey! Hey! Hey! §

§

§ Trombone §

§

§ Adeus meus senhor, porque já vou me retirar... §

§ Mas até logo, eu ainda voltará... §

§ Vou levar meu grupo §

§ Que já está na hora §

§ Vou sentir saudade, mas nós já vamos embora §

§ Vou levar meu grupo §

§ Que já está na hora §

§ Vou sentir saudade §

§ Mas nós já vamos embora §

§ Ai vem o da papa ceia §

§ Veja o final que beleza §

§ Quem quiser faz o canto §

§ De manhã, na fortaleza §

§ Quem quiser faz o canto §

§ De manhã, na fortaleza §

[ Homem ] Êê, boi!

§ Trompete §

§

[ Damasceno ] O boi que veio do Maranhão foi o que eu conheci...

que era o boi-bumbá.  
Porque lá no Maranhão é bumba meu boi.  
Aqui tinha o boi-bumbá, só que o boi-bumbá...  
Tinha a história do boi-bumbá...  
mas, quando você ia olhar o cenário do boi-bumbá,  
ele não tinha o cenário muito bem paraense.  
Pois eu olhava outros bois...  
de outros mestres...  
Aí já tinha o sertanejo.  
Eu também prestei atenção,  
que o sertanejo... ele não é... paraense.  
Quando se fala em cultura,  
a gente tem que representar a nossa região.  
O nosso estado, né.  
A gente canta, sim, o frevo...  
mas aí não é nosso.  
Canta aí...  
tambor de crioula, lá do Maranhão.  
Capoeira, vem lá de Campina, a gente canta também!  
Mas não é a nossa cultura.  
Então a gente pensa em mostrar a nossa cultura.  
Aí foi a minha vida de colocar o búfalo bumbá!  
E se o título do búfalo... no Brasil...  
Qual é a parte que mais se fala em búfalo?  
Aí não é cultura do Pará?  
Eu fui o inventor do búfalo bumbá!  
§ Vou sentir saudade, mas nós já vamos embora §  
§ Vou levar meu grupo §  
§ Que já está na hora §  
§ Vou sentir saudade, mas nós já vamos embora §  
§ Aí vem o da papa ceia §  
§ Veja o sinal que beleza §

§ Quem quiser        faz um o canto §

§ De manhã, na fortaleza §

§ Quem quiser        faz um o canto §

§ De manhã, na fortaleza §

§

Logo quando eu perdi a vista...

eu me senti muito...        assim muito...

muito enrolado, sei lá...

Pra mim, é...

é muito ruim a gente        perder a vista logo.

Qual era a idade do senhor?

Eu tinha 19 anos.

Só que aí...        a decorrer dos tempos...

eu fui... começando...

a entrar em cantar...

Eu já cantava um pouco, mas        não era muito, não tinha...

aí já comecei a entrar        na história de começar a cantar.

Que tem um ditado que diz assim:

"Quem canta seus males espanta!".

Entendeu?

Porque, quando você canta,        você se alegra!

Você se anima,        não é verdade?

Aí comecei já cantar... comecei a pescar...

e me sentir...

que eu não tava morto!

Tava vivo pra vida!

Então... a... eu pensei...

comecei a criar        coragem e força,

e achar que eu era capaz,        igualmente os outros!

Porque eu acho assim:

quando Deus...

Você perde uma visão, uma perna...

um braço... você vai ter que viver.

Vai ter que dar um jeito pra viver.

Porque você não morreu, você tá vivo.

E Deus vai lhe dar jeito, como viver.

É questão que você tenha coragem...

e que você se levante pra vida e se ache é capaz.

Nada de dizer que...

a gente se joga fora: "Ah, porque não dá certo..."

Eu vou cair no... dos outro, no erro, porque..."

Tudo é bobice da gente, nós tudo somos capaz.

Só falta uma coisa na pessoa:

é se achar que ele é capaz!

Se ele sonhar...

que ele, na frente, vai conseguir alguma coisa,

e ele insistir, ele vai conseguir.

Porque eu sempre pensei...

em... em chegar onde eu já cheguei.

Eu sempre pensei isso. Eu falava com os amigos...

dizia que eu tinha vontade de gravar um CD, já gravei...

dizia que eu tinha vontade de...

de aparecer mais pro mundo, de mostrar o que eu sabia.

Hoje, graças a Deus, eu já mostrei um bocado.

Eu acho que nós temos uma marca,

não só... o nosso Marajó,

como o nosso Pará... pro Brasil, pro mundo...

acho que já tem um bocado de informação minha!

Isso me deixa muito feliz!

Porque eu não me entreguei pra vida.

§ Vou sentir saudade, mas nós já vamos embora §

§ Aí vem o da papa ceia §

§ Vje o sinal que beleza §  
§ Quem quiser faz o canto §  
§ De manhã, na fortaleza §  
§ Quem quiser faz o canto §  
§ De manhã, na fortaleza §

Êê, boooi!

O mestre... é aquele que sabe fazer algo.  
E que sabe ensinar também!  
Eu teço rede...  
eu teço o paneiro...  
Quer dizer, eu sou artesão, não sou só cantor de carimbó.  
Sou cantador de carimbó,  
sou pescador, artesão...  
sou... sou dos outro...  
agricultor pra plantar roça!  
Tudo que me dão do Marajó eu conheço.  
Todas as coisas que os avôs...  
os pais, os tios...  
ensinavam pros...  
pros filhos, netos...  
era fazer o material, se ele era caçador, tinha que saber:  
a limpar e carregar espingarda.  
Se ele era pescador, ele tinha que saber fazer pari...  
fazer rede... tarrafa... fazer fisga...  
E tudo isso eu sei fazer!  
Paneiro! Tudo a gente faz, que é pra carregar o peixe.  
Aí, eu comecei a buscar aqueles tempos...  
de criança, de ver certas coisas que eu tinha visto.  
Eu peguei...  
e coloquei na música, entendeu?

Levei pra música...

pra ter mais um conhecimento pras pessoas que sabem,  
que conhecem o que eu tô cantando, eles sabem:

"Isso é tal coisa que ele tá cantando".

Realmente foi verdade!

§ Bordeja, bordeja §

§ Nós temos que bordejar §

§ Mete o leme, puxa a vela, que nós vamos borbulhar! §

§ Bordeja, bordeja §

§ Nós temos que bordejar §

§ Mete o leme, puxa a vela, que nós vamos borbulhar §

§ Puxa logo o amantilho, joga a rede no mar §

§ Tem bututuco xibuiando no meio do amorezá §

§ Tem bututuco xibuiando no meio do amorezá §

§ Bússola de pescador Bússola de pescador §

§ É ver gaivota voando e boto no aboiador §

§ Bússola de pescador Bússola de pescador §

§ É ver gaivota voando e boto no aboiador §

§ Bordeja, bordeja, nós temos que bordejar §

§ Mete o leme, puxa a vela, que nós vamos borbulhar §

O que me inspira a fazer as músicas...

é em cima dessa aqui...

o meu trabalho, entendeu?

Que aí eu faço as minhas músicas assim.

§ Mamãe que saudade eu tenho de voltar pro meu lugar §

§ E brincar com minha juru no igarapé do salvar §

§ E pescar, caçar marreco, pegar peixe no poção §

§ Temido é sair à noite com medo de assombração §

§ Tenho calça molhada §

§ Matinta Perera e um cavalo-marinho §

§ Quando eu vejo a fantasma e a irmã de fogo, eu não quero §

§ Se eu ver o Soca-soca, o Lobisomem e a Saia Preta §

§ O medo é dos pretinhos           que moram na ilha lá do Puruí §  
§ O medo é dos pretinhos           que moram na ilha lá do Puruí §  
§ Mas eu vou pra lá, vou comer       cunhapira, tirar turuí §  
§ Vou beber leite na cuia, pra       matar salgado é bom com açai §  
§ Mas eu vou pra lá, vou comer       cunhapira, tirar turuí §  
§ Vou beber leite na cuia... §  
Aqui no Marajó a gente   faz capuri...  
a gente faz curral...  
a gente faz tarrafa,     a gente faz rede,  
a gente faz arpão, fiska...  
a gente pesca de pinhel,       de caniço, de mete a mão...

[ Grasnados ao longe ]

Peguei um peixe!

Tá vendo?

Olha o peixe!

Aí, olha!

Tá vendo?

O meu tio, aos 19 anos,  
ele foi menino     criado na mangueira,  
e a cascavel mordeu ele.  
Ele ficou deficiente visual.

Com 18 anos eu saí       de Salvaterra...  
pra ganhar a vida...    ter uma vida melhor,  
sempre fomos       de família carente.  
Digo pros meus filhos que eles       não passaram o que eu passei.  
Eu trabalhei em Belém,   numa construção...  
Comecei a trabalhar numa       construção depois foi...

assinei minha carteira, trabalhei num prédio  
bem em frente à igreja de Nazaré chamado Feliz,  
aonde hoje fica a rádio Rauland.  
Lá eu peguei um... um choque de eletricidade,  
na fundação daquele prédio.  
Rabo de betoneira bateu no meu rosto...  
arrebentou o nervo ótico, quebrou e torceu  
e eu fiquei cego, deficiente da vista.  
Mas tô até hoje vivendo.  
A mesma idade, 19 anos!  
Eu acho que a habilidade fica mais...  
a gente fica mais...  
mais, é... tipo assim...  
Qualquer coisa que faz na gente, a gente tá...  
esperto, entendeu?  
O meu filho, que hoje pesca comigo, que eu ensinei,  
ele foi usuário...  
Um filho, como diz o outro, que eu não passei pra ele,  
mas o destino dos jovens hoje a maioria é assim.  
E se envolveu...  
com um cara que era... trabalhava com o tráfico.  
Aí perdeu R\$500 do cara.  
R\$530, que hoje ele conta.  
Esses R\$530...  
quase leva ele à sepultura, tá vivo porque...  
Deus não quis que ele morresse.  
O cara atirou, ele dormindo na sala de casa, na rede,  
varou o cérebro dele, a cabeça dele.  
Entendeu?!

Pega na mão, aqui... assim. E pela cabeça dele.  
Aprendi com meu pai.

Apreendi com meu pai a pegar com a mão.

E aí, eu acho que ele não tinha que morrer mesmo,  
ele passou o dia desacordado, chegou 23h no Metropolitano,  
ainda tá hoje comendo farinha com nós.  
Entendeu? Mas na... mesma idade, 19 anos.  
Quer ver?!

Cadê eles?

Estão aqui!

[ Rindo ] Olha...!

§ Bate caixa... e soa a bomba §

§ Só me aparece com sino de guerra §

§ Quando eu vejo as cornetas a tocar §

§ Meus olhos pega a chorar, se lembrar da minha terra §

Passagem Grande, Vila São Vicente, Boa Vista,

Siricari, Deus Ajude...

Providência... Mangueiras!

§ Se achar a carta do meu bolso §

§ Faça o favor, entregar à minha noiva §

§ Diga pra ela que se a guerra se acabar eu irei §

§ Quando eu voltar, será ela minha esposa §

[ Risadas ]

[ Ronco do motor ao longe ]

[ Burburinho ]

Isso aí, rapaz!

Vá! Vai! Vai...!

[ Ronco do motor ]

Essa escola que eu estudei.

Precisava ver a distância que eu andava pra essa escola  
daqui pro Salvar.

[ Ronco do motor continua ]

A casa que eu morava já tombaram há muito tempo!

§ Naquele vale da saudade §

§ Que eu te conheci, não consigo entender §

§ Porque não aproveitei o momento §

§ Eu perdi o tempo de falar pra você §

§ E quando a festa acabou §

§ Ai é que eu fui me lembrar §

§ Que o tempo foi curto demais §

§ Eu perdi minha paz, por não te conquistar §

§ O tempo foi curto demais §

§ Eu perdi minha paz, por não te conquistar §

§ Adriele! §

§ Minha flor...! §

§ O seu corpo de sereia §

§ Me conquista de amor §

§ Adriele! §

§ Minha flor §

§ O seu corpo de sereia, me conquista de amor §

Aí teve outra menina lá de Belém que chamam...

Naluane!

A gente estava com um grupo de músico de Belém,

aí eu cantei Adriele, eles acharam muito bonita.

Ela disse: "Agora, tu vai fazer uma pra mim".

Aí eu tive que fazer, já a dela é assim:

§ Relembro daquela morena §

§ Dos cabelos longos, encaracolados §

§ Senti que ela estava na areia §  
§ Na beira da praia, bem junto ao meu lado §  
§ E quando olhei para a lua §  
§ No clarão do mar, consegui entender §  
§ Naquela morena cheirosa §  
§ Cheia de venenos, lembrei de você! §  
§ Naquela morena cheirosa §  
§ Cheia de venenos, eu lembrei de você! §  
§ Ô, Luane, você é a estrela que brilha no céu §  
§ Seu beijo de fada no meu carrossel §  
§ Seu beijo gostoso tem um sabor de mel §  
§ Ô, Luane, você é a estrela que brilha no céu §  
§ Seu beijo de fada no meu carrossel §  
§ Seu beijo gostoso tem um sabor de mel §

[ Risadas ]

A comunidade quilombola, eu acho que implantaram...

O quê?!

[ Mulher ] Há uns 30 anos atrás...

foi que você fundou o Quilombola.

É... foi porque foi assim:

chegou uma época... os meus avós vieram pra cá,  
aí pediram aqui... que aqui não era nosso,  
pediram pra morar e uma família deu,  
e eles continuaram morando e construindo as famílias aqui.

Só que, há 30 anos atrás,

os herdeiros daqui tentaram tirar a gente.

Colocaram como invasor, sem-terra...

Então foi toda uma briga na justiça...

aí a gente se organizou pra se fundar Quilombo,

que era pra ficar mais forte.

Aí foi fundada a Associação e se transformou em Quilombo.

Então há mais ou menos uns 30 anos,

é que foi começado a fundar a comunidade quilombola  
no município de Salvaterra, foi de 30 anos pra cá.  
Quando a gente era moleque,  
a vovó tava aqui fazendo mingau,  
de farinha de tapioca...

D. Maria se lembra disso aí, que ela já tava quase pra cá.

Ela olhava, dizia: "Ceno!

Seus moleques, vão panhar açai para tomar mingau!". Né?

A gente corria para ali, uns cachos bonitos!

A gente enxergava daqui da casa, os cachos, era...

[ Cristina ] Fazer mingau do arroz, botar o vinho do tucumã, não sabe!

Ele não saber o que é!

Não sabe!

Ele diz: "Credo, mãe, que é isso?", ele não sabe!

Não sabe, é...

Hoje ainda vive a mesma realidade: caçar, pescar,

a gente ainda vive a mesma realidade,

mas que de modo diferente

já entra... outros tipos de alimentos.

Que é o que ela diz.

Hoje em dia, eles não sabem o que é cunhapira,

o que é mingau de curueira.

Eu, na minha época, ainda fui criada com isso.

Já essa turma, não!

Já entra lá a massinha, o Mucilon...

[ Risadas ]

A fralda descartável, que hoje já entra, né,

antes era pano de rede... cortado, né.

[ Cristina ] Eu comprava aquelas peças e fazia minhas fraldas.

Eu dava a bainha em casa...

Mas agora, hoje em dia, é só isso, ela mesmo diz:

"Mamãe, bote pra mim?", "Eu não sei colocar isso".

[ Damasceno ]           Esse pessoal daqui,           os meus avós...  
quando me criaram, eu vi           muita fartura nessa comunidade.  
Nós fazia 12/13    fornada de farinha...  
nós enchia uma canoa       de farinha e saia pra cá.  
Ia pras fazenda, trocar com   os fazendeiros por carne!  
Muita carne!           Jerimum, melancia...  
Porque eles plantavam muito.  
E pior que eram poucos, mas plantavam de tudo:  
melancia, jerimum, milho...  
maxixe... tudo       eles plantavam!  
Papai que era o cantador.  
Na época que eu me criei,       botava boi, depois que rimei.  
Era o papai... ele que   botava o boi aqui.  
Ele ia falar até hoje   dessas músicas dele,  
ainda tem música dele que eu me lembro, que ele cantava.  
Aí ele já tava na canoa,  
demorava, ele já tava   inventando música.  
Aqui na comunidade,       geralmente...  
a gente tinha rádio       pequeno, na época.  
Aí que a gente escutava rádio, escutava jogo...  
depois que foi... melhorando mais,  
aí chegou pra cá também e       já puderam ter uns por aqui.  
Aqui eu cantava, mas       porque os outros faziam.  
Depois eu fui começar   a fazer, em Salvaterra.  
Em Salvaterra eu comecei,       mas eu já via meu pai cantar.  
Aí em Salvaterra, o primeiro boi que eu coloquei,  
eu fui fazer as primeiras   músicas de boi... entendeu?  
Aí eu ganhei um campeonato   na primeira brincadeira de boi,  
aí me deu um incentivo.  
Aí eu coloquei outro,       às vezes eu colocava boi.  
E foi, foi, foi, juntava       com outros amigos  
e sempre coloquei a brincadeira do boi.

Coloquei o aritauá, o pássaro.  
Aí depois... foi ampliando a coisa.  
Aí depois de um tempo, parei, dei uma parada...  
na gestão passada,  
por causa de evangelicismo, que não dão valor a isso.  
Disse a uma professora por que:  
o evangélico diz, no linguajar deles,  
que a brincadeira do boi, o carnaval, essas coisas...  
é obra do diabo.  
Entendeu? Não é de Deus.  
Aí nunca eles valorizam muito  
esse nosso lado cultural...  
Só que eles não entendem, um país sem cultura não tem nada!  
Não tem vida...  
Não é verdade?  
Eles não entende esse lado, um povo sem cultura não é nada!  
É um povo sem vida.  
Não tem nada!

§ Música animada §

§

§ Mas você nunca viu, vem ver §  
§ Porque ela está dançando só §  
§ Mas você nunca viu, vem ver §  
§ Porque ela está dançando só §  
§ Nativo é marajoara §  
§ Conjunto de Carimbó §  
§ Nativo é marajoara, conjunto de Carimbó §  
§ É filho de Salvaterra §  
§ Na ilha do Marajó §

§ É filho de Salvaterra §  
§ Na ilha do Marajó §  
§ Ela está se preparando §  
§ Que o bote já vai pra ilha §  
§ Ela está se preparando §  
§ Que o bote já vai pra ilha §  
§ Vai fazer a travessia do rio Paracauari §  
§ Vai fazer a travessia do rio Paracauari §  
§ Mas você nunca viu, vem ver §  
§ Porque ela tá dançando só §  
§ Mas você nunca viu, vem ver §  
§ Porque ela tá dançando só §  
§ Nativo é marajoara §  
§ Conjunto de Carimbó §  
§ Nativo é marajoara §  
§ Conjunto de Carimbó §  
§ É filho de Salvaterra na ilha do Marajó §

A época junina era muito diferente, era muito bonita.

Era aqueles boi de brincadeira, que faziam,  
pássaro, feras... tudo isso acabou! Entendeu?

Aquele movimento cultural se acabou...

Aí a gente ia...

aqui nas Mangueiras vinha boi lá do Barro Alto...

a gente ia de noite, andando atrás, no campo...

escuro, vendo o boi,

lá pelas Mangueiras, tirar um do Osmar...

Lá em Salvaterra também tinha brincadeira de boi,

E eu sempre conto a brincadeira de dia de Santo Antônio.

Abria o negócio da quadra junina...

aí a gente fazia primeiro a fogueira.

Aí a gente ficava na roda da fogueira,

contando história...

e haja pular fogueira.

E tinha os ditos: "Santo Antônio disse, São Pedro confirmou,  
que será minha comadre, que São João mandou!".

E assim ia a brincadeira.

Até hoje eu ainda tenho compadre de fogueira,  
irmão de fogueira, primo de fogueira...  
tudo naquela brincadeira, hoje não tem mais isso.

Carimbó...

O carimbó é a minha praça  
e também a brincadeira junina é que eu gosto.

§ Mas você nunca viu, vem ver §

§ Porque ela tá dançando só §

§ Mas você nunca viu, vem ver §

§ Porque ela tá dançando só §

§ Nativo é marajoara §

§ Conjunto de Carimbó §

§ Nativo é marajoara §

§ Conjunto de Carimbó §

§ É filho de Salvaterra na ilha do Marajó §

§ É filho de Salvaterra na ilha do Marajó §

§ Mas você nunca viu, vem ver §

§ Porque ela tá dançando só §

§ Mas você nunca viu, vem ver §

§ Porque ela tá dançando só §

§ Nativo é marajoara §

§ Conjunto de Carimbó §

§ Nativo é marajoara §

§ Conjunto de Carimbó §

§ É filho de Salvaterra na ilha do Marajó §

§ É filho de Salvaterra na ilha do Marajó §

§

§

§

§ Bordeja, bordeja            Nós temos que bordejar §

§ Mete o leme, puxa a vela,    que nós vamos borbulhar! §

§ Bordeja, bordeja            Nós temos que bordejar §

§ Mete o leme, puxa a vela,    que nós vamos borbulhar! §

§ Puxa logo o amantilho §

§ Joga a rede no mar §

§ Tem bututuco xibuiando        no meio do amorezá §

§ Tem bututuco xibuiando        no meio do amorezá §

§ Bússola de pescador §

§ Bússola de pescador §

§ É ver gaivota voando    e boto no aboiador §

§ Bússola de pescador §

§ Bússola de pescador §

§ É ver gaivota voando    e boto no aboiador §